

**Maternidade e produção acadêmica na quarentena:  
experiências e reflexões de mães sociólogas**

Ariane Gontijo Lopes

Emmanuelle Pereira Brandt de Azeredo

Isis Maris Lovato

Simone de Oliveira Mestre

**Instituição:** Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais

**Palavras-chave:** Ciência; Mães; Mulheres; Pandemia; Pesquisa.

**Introdução**

Convida-se às leitoras e leitores para um mergulho na combinação de relatos e percepções vivenciados por mães sociólogas durante o período da quarentena. Construído de forma coletiva, o texto foi elaborado a partir do encontro de quatro mulheres que têm em comum a maternidade e a vinculação ao mesmo Programa de Pós-Graduação. Para além das experiências partilhadas em aulas, cantinas, corredores e salas da Universidade, a maternidade foi um dos componentes de conexão entre as autoras, por meio da sororidade. A iniciativa de escrever sobre as experiências partilhadas se apoiou na urgência em problematizar o “ser mãe” durante a quarentena, aliada à necessidade de dar vazão à realidade de como é conciliar produção acadêmica, maternidade e, ainda, tantas outras tarefas neste período de isolamento social. Desta forma, o objetivo da produção foi compartilhar as experiências subjetivas das autoras, à luz de reflexões sobre como a maternidade é experimentada e como ela marca o “processo de ser afetada” [1] durante a pesquisa acadêmica. Buscou-se problematizar o quanto o “mito do amor materno” [2] continua reforçando os problemas anteriores à pandemia da Covid-19, ao enaltecer, mais uma vez, a organização excludente da estrutura social que faz recair sobre as mulheres pesquisadoras o

que se denominou como “carga mental” [3] - multiplicada ao longo de todo o período da pandemia.

## **Métodos**

O texto é fruto da produção coletiva de mulheres, a partir da proposta intervencionista do “Coletivo de Mães Cientistas”, que visava garantir a publicação para mulheres e mães durante a pandemia, que tiveram sua produtividade profissional e acadêmica reduzidas, em razão da sobrecarga de trabalho e da múltipla jornada diária. Enquanto recurso metodológico, optou-se pelo autorelato, já que este se propõe a apresentar a descrição precisa e detalhada acerca de certa vivência ou impressão que possa contribuir de forma relevante para determinada área de atuação. No caso do texto em tela, embora as autoras sejam mães pesquisadoras com atuação na mesma área do conhecimento, a Sociologia, vivenciam individualmente realidades específicas e singulares, manifestando cada uma seu estilo próprio de sentir, ver, perceber, refletir e escrever. A seção intitulada “Vozes Individuais que ecoam no Coletivo de Mulheres: apresentando a realidade das autoras do texto” foi o espaço reservado para a apresentação individual e livre das narrativas cotidianas das quatro autoras mães pesquisadoras, incluindo o processo de produção acadêmica durante a quarentena na pandemia. O foco gira em torno das subjetividades das autoras, expressadas na forma de narrar a sua realidade e desafios enfrentados durante o período crítico de isolamento social da crise sanitária. Na seção nominada “Reflexões Coletivas: afetações, carga mental e o mito do amor materno” procedeu-se à análise das narrativas das autoras, à luz da tríade teórica articulando as noções de “afetação” [4], “carga mental” [5] e “ideologia do devotamento e do sacrifício materno” [6]. Não sendo considerado mera abstração pessoal e aleatória, o relato foi apresentado de maneira contextualizada e objetiva, analisado sob lente teórica específica, no intuito de propor reflexões concretas e sinalizar novos caminhos.

## **Resultados**

Como principal aporte científico, o texto compõe o livro “Mulheres Cientistas e os desafios pandêmicos da maternidade” [7], uma coletânea de artigos científicos produzidos durante a pandemia, em apoio à produção coletiva de mães cientistas que atuam em diferentes instituições do Brasil e do exterior. Dentre as principais contribuições empíricas, a produção enseja reflexões sobre as principais dificuldades enfrentadas por mulheres ao conciliar

maternidade e as dimensões profissional e acadêmica, que já representam um grande desafio, mesmo em períodos de aparente normalidade. Com a atual pandemia da Covid-19 e as novas dinâmicas sociais por ela impostas, os obstáculos enfrentados por essas mães tornam-se ainda maiores, uma vez que as suas redes de apoio restaram consideravelmente reduzidas ou até mesmo extintas durante esse período, diante da imposição do isolamento social. No que se refere às contribuições teóricas propostas no artigo, as autoras ampliam o debate proposto por Favret Saada (2005), buscando reverter o processo de pensar sobre as “afetações” [8], refletindo sobre como as subjetividades das mães pesquisadoras geram influências tanto na pesquisa, quanto no mundo acadêmico de maneira mais abrangente. Ser mãe e pesquisadora cria uma esfera de sensibilidade sobre as questões voltadas para a maternidade, que se apresenta como uma experiência de permanente exercício de afinação das percepções e do espírito de solidariedade entre tais mulheres. Assim, ser mãe pesquisadora é aceitar ser multiplamente afetada, tanto pela pesquisa, quanto pela maternidade, num movimento que, ao mesmo tempo, permite que se promova afetação naqueles que estão à sua volta. Noutra perspectiva teórica, as autoras se valem da noção de “carga mental” [9], proposta originalmente no campo da Sociologia do Trabalho para descrever as pressões exercidas sobre a psiquê dos trabalhadores e utilizada pela primeira vez na esfera do trabalho doméstico por Monique Haicault (1984), para se referir à quantidade de esforço não físico e não remunerado assumido pelas mulheres trabalhadoras no contexto do lar. Segundo a autora, a carga mental é sentida como uma constante tensão para ajustar diferentes espaços e temporalidades, com ritmos, horários e prazos quase sempre inextricáveis. Para além da rotina tangível de tarefas domésticas e responsabilidades diárias assumidas majoritariamente pelo gênero feminino, há, ainda, um trabalho invisível e pouco reconhecido que frequentemente recai sobre as mulheres, o qual se traduz no esforço mental empreendido constantemente no planejamento e gerenciamento da vida familiar. Em tempos de pandemia, o confinamento à esfera do lar intensifica ainda, a sobrecarga de trabalho mental exercida pelas mulheres. Em que pese a existência de eventuais colaborações e apoio por membros do núcleo familiar, são as mulheres as mais acometidas pela já conhecida sensação de “ter que dar conta de tudo”, o que se reflete em intenso cansaço físico e mental, bem como em outros estados emocionais que interferem negativamente na produtividade acadêmica das mães pesquisadoras. Em última análise, as pesquisadoras se respaldam na proposição de Badinter (1985) segundo a qual a maternidade é influenciada pela ideologia do sacrifício e da responsabilização materna. Nesse processo de responsabilização, é modificada de forma radical a realidade das mulheres, ampliando sua carga de trabalho material e emocional.

Ademais, mesmo quando trabalham, as mulheres do século XX permanecem infinitamente mais próximas dos filhos e preocupadas com eles do que as de outrora, o que sugere ampliar os desafios e desgastes dessa experiência complexa. O mito do amor materno é estruturado por uma concepção da maternidade de devoção exclusiva da mãe ao filho. Isso torna visível e comum a forte idealização da maternidade, que faz com que as futuras mães vejam apenas amor e felicidade, quando, na verdade, a tarefa abarca um considerável nível de ansiedade, frustração, solidão e culpa, recaindo sobre as mulheres o acúmulo de tarefas, cansaços, angústias e exaustão. Em um contexto pandêmico, esses aspectos são intensificados em decorrência do isolamento, o que impacta diretamente na baixa da produtividade e no comprometimento da esfera profissional e acadêmica.

## **Conclusões**

Em um contexto no qual recaem sobre as mulheres a maior carga de trabalho e exigências de cuidado em relação aos filhos, a produtividade acadêmica se viu drasticamente reduzida, considerando-se que atividades tão necessárias à produção acadêmica de qualidade, como dar sequência à leitura dos textos e avançar em reflexões mais profundas e críticas, tornam-se cada vez mais complexas e impossibilitadas de serem realizadas. Para além do cansaço físico e mental, as preocupações constantes com o risco de adoecimento de familiares e conhecidos, levam ao agravamento da vulnerabilidade e até ao bloqueio de processos de cognição, escrita, leitura e outras formas de coleta de dados imprescindíveis à consolidação da pesquisa. Entender os motivos subjacentes a essa dinâmica é simples: basta perceber o quanto a concepção no imaginário social sobre como funciona a “divisão sexual do trabalho” [10] é estruturada por dois princípios organizadores: (i) separação do trabalho (diferenciação entre trabalhos femininos e masculinos); e (ii) hierarquização, com a valorização do trabalho dos homens em detrimento do exercido pelas mulheres. Desta forma, essa divisão sexual se destina a priorizar a esfera produtiva dos homens e a esfera reprodutiva das mulheres. Essa perspectiva explica os motivos subjacentes ao intenso desgaste e sobrecarga vivenciados pelas mulheres, inseridas num contexto em que é difícil quantificar as jornadas de trabalho acumuladas, o que por vezes está associado à desmotivação e baixa produtividade. Embora pareça óbvio, em todos os espaços, mulheres vivenciam o peso dessa divisão simbólica e desigual das tarefas entre homens e mulheres. O cuidado – tarefa de extrema importância, especialmente neste momento crítico de pandemia – fica majoritariamente relegado às mulheres. Nessa missão de cuidar diariamente dos filhos, da casa e dos outros, aquelas que

mais cuidam e que mais passam o tempo dedicando-se ao cuidado são, certamente, e na maioria das vezes, as que menos são cuidadas.

## **Referências**

- 1 FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.
- 2 BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- 3 HAICAULT, M. La gestion ordinaire de la vie en deux. **Sociologie du Travail**, nº3-84, 268-277. 1984.
- 4 FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.
- 5 HAICAULT, M. La gestion ordinaire de la vie en deux. **Sociologie du Travail**, nº3-84, 268-277. 1984.
- 6 BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- 7 SOUTO-MARCHAND, A.; GALVÃO, E.; FERNANDES, M. (Org.). **Mulheres Cientistas e os desafios pandêmicos da maternidade**. 1ªed.Porto Alegre: Editora Fi, 2020, v. 1, p. 1-127.
- 8 FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.
- 9 HAICAULT, M. La gestion ordinaire de la vie en deux. **Sociologie du Travail**, nº3-84, 268-277. 1984.
- 10 KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H. et al. (orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, p. 67-75, 2009.